

A GRAFIA UNIFORMIZADA: UMA CONQUISTA DOS POVOS TIMBIRA

Rosane de Sá Amado¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar um relato sobre as atividades de elaboração de uma grafia uniformizada com os povos Timbira. Essas atividades ocorreram ao longo dos últimos dez anos e culminaram na oficina de grafia de dezembro de 2003, onde professores de seis povos Timbira – Apinajé, Apãniekrá-Canela, Pykobjê-Gavião, Ramkokamekrá-Canela, Krinkati e Krahô – discutiram e aprovaram as letras que corresponderão à escrita Timbira padrão.

Palavras-chave: Educação indígena; lingüística descritiva; sistemas de grafia.

Introdução

O complexo Timbira faz parte da família Jê e abrange oito línguas que se subdividem em Timbiras Orientais, situados a leste do Rio Tocantins, e Timbiras Ocidentais, situados a oeste do Rio Tocantins (cf. Melatti, 1972).

| TIMBIRAS ORIENTAIS | Nome oficial | Nome Timbira ¹ | Significado |
|----------------------------|---------------------|---------------------------|-------------------|
| Maranhão | Krinkati | Pinkukatejê | “povo da mangaba” |
| | Apaniekrá-Canela | Apaniekrakatejê | “povo da piranha” |
| | Ramkokamekrá-Canela | Ramkokatejê | “povo da mata” |
| | Pykobjê-Gavião | Pykokatejê | “povo de Pakup” |
| | Krenjê | Krenjê | ---- |
| Pará | Parkatejê-Gavião | Parkatejê | “povo do jusante” |
| Tocantins | Krahô | Marekatejê | “povo da ema” |
| TIMBIRAS OCIDENTAIS | | | |
| Tocantins | Apinajé | Ronkokatejê | “povo do cocal” |

O nome Timbira faz referência às fitas de palha ou faixas trançadas em algodão que esses povos usam sobre o corpo: nos braços, tornozelos, testa etc. e significa “os amarrados” em tupi – *tin* ‘amarrar’, *pi’ra* ‘passivo’ (cf. Nimuendaju, 1946). Contudo, eles próprios se autodenominam *mehe* ‘nossa gente’.

Esses povos partilham de características comuns como: corte de cabelo, longo, com um sulco em torno da cabeça à altura da franja; produção de artefatos feitos com palha trançada como cestos, esteiras, faixas etc; morfologia da aldeia, composta de um grande círculo com as casas dispostas lado a lado, das quais saem caminhos em direção ao centro, onde fica o pátio; ritos como as corridas de revezamento em que duas equipes carregam uma tora (de buriti ou de outra árvore), dentre outras. Outrora, esses grupos ocupavam uma grande extensão de terra situada entre o norte de Goiás e o sul do

Maranhão. Atualmente, seus territórios são descontínuos, variando entre 50 a 300 mil hectares, cercados ou invadidos por pequenas fazendas de gado (cf. Ladeira, 2001).

Em relação aos idiomas desses povos, ainda há controvérsia quanto ao fato de serem reconhecidos como línguas aparentadas ou como dialetos de uma única língua Timbira. De qualquer forma, com o crescente avanço dos estudos, têm-se descoberto tanto semelhanças como diferenças, que permitem agrupar as línguas do complexo Timbira em quatro subconjuntos (cf. Alves, 2002):

1. Apaniekrá, Ramkokamekrá, Krahô
2. Krinkati, Pykobjê
3. Apinajé
4. Parkatejê

O povo Krenjê não fala mais a língua Timbira, sendo monolíngüe em Português. O povo Apinajé, embora se considere descendente dos Timbira, fala uma língua muito mais próxima do Mebengokrê (outro povo Jê) do que dos demais povos Timbira.

Os povos que representam os três primeiros subconjuntos formaram, há mais de uma década, uma associação – a *Wy'ty Catë* – através da qual têm procurado reforçar a identidade Timbira e contam, ao longo dos últimos dez anos, com a assessoria do Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Desse esforço conjunto, surgiram projetos como “Frutos do Cerrado” – uma cooperativa que agrega a associação *Wy'ty Catë* e pequenos agricultores na coleta de frutos nativos que são beneficiados na forma de polpa congelada para comercialização junto ao mercado consumidor – e “Uma Escola Timbira” que conta com a formação de professores indígenas, propostas de elaboração de material didático (cartilhas, glossários, livros de histórias) e de uma grafia uniformizada.

Há um constante intercâmbio entre os povos da associação e mesmo destes com com os Parkatejê, incluindo casamentos e estadas prolongadas com os “parentes”. Presenciando conversas entre integrantes de povos diversos, pude constatar a facilidade com que todos se comunicam, às vezes, surgindo brincadeiras de alguns sobre, por exemplo, o modo “cansado” com que os Pykobjê falam a língua (devido ao efeito “*breathy voice*”, Sá, 1999). Dessa forma, julgo importante a percepção que os próprios falantes têm de sua língua e resalto para o esforço contínuo que tem havido entre esses povos quanto ao fortalecimento de uma unidade cultural, a qual passa, sem dúvida, pela unidade lingüística, mesmo que, há menos de cinquenta anos, muitos deles estivessem envolvidos em conflitos entre si. De fato, muitos desses povos mantiveram uma certa hostilidade que, em alguns casos, resultou em guerra. A própria denominação – (*ka*)mekrá indica o afastamento, no passado, de grupos que se consideravam rivais; já a denominação –*katejê* é um índice de aproximação e aliança (cf. Azanha, 1984). Atualmente, todos os grupos se tratam como –*katejê*, embora na nomenclatura oficial tenham permanecido denominações como Apaniekrá e Ramkokamekrá. Quanto ao processo de unidade lingüística, este culminou no evento realizado em dezembro de 2003, no qual foi estabelecida uma grafia uniformizada para o Timbira padrão, que passo a tratar a seguir.

A Grafia Uniformizada

Desde 1994, representantes dos seis povos Timbira associados à *Wy'ty Catë* têm se reunido com o intuito de elaborar uma grafia unificada para suas línguas. O primeiro encontro ocorreu no 2º sem/1995 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob a coordenação do Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto e do CTI. Grafias

variadas utilizadas por diversas línguas foram apresentadas aos representantes dos povos Timbira para que eles compreendessem a natureza simbólica dos grafemas. Discussões acirradas deram o tom desses encontros no início, já que povos outrora inimigos – como os Krahô e os Ramkokamekrá – não admitiam falar línguas aparentadas e, muito menos, dialetos de uma mesma língua. Além disso, outros povos que já contavam com uma grafia elaborada por missionários, presentes em suas terras há pelo menos duas ou três décadas, como os Pykobjê e os Krinkati, diziam já estarem acostumados com seu “modo de escrever”. Contudo, o esforço crescente de se criar uma identidade forte e representativa junto aos “kope” (os não-índios), no qual se baseia a origem da associação *Wy'ty Catë*, conseguiu pouco a pouco vencer as barreiras e convencer as comunidades sobre a importância de uma forma de comunicação escrita padrão em que todos possam se entender.

A Oficina de Dezembro de 2009

Assim, após quase dez anos de encontros e discussões, na oficina realizada no *Pëmxwyj Hëmpejxy* (Centro de Formação de Professores Timbira) no município de Carolina, Maranhão, que reuniu dezessete representantes dos povos acima mencionados, e que contou com a assessoria da lingüista Flávia de Castro Alves¹ (presente nos encontros desde 1994) e com o meu auxílio, finalmente estabeleceu-se uma grafia uniformizada testada no decorrer de 2004. Foi decidido denominá-la “uniformizada” e não “unificada” pois o objetivo de sua elaboração não era o de extinguir as grafias já utilizadas por alguns dos povos, intitulado-a como se fosse a única grafia legítima, mas sim de que ela se tornasse um instrumento de comunicação entre os povos Timbira, podendo, inclusive, ser adotada como a única grafia utilizada por alguma comunidade, se ela assim o decidir. É o caso dos povos Krahô e dos Canela-Apãniekrá, os únicos que não têm presença missionária na aldeia. Já os Krinkati, os Pykobjê, os Apinajé e os Canela-Ramkokamekrá poderiam continuar usando suas grafias já sistematizadas, sendo, inclusive, nelas alfabetizados, mas tomando conhecimento, em algum momento da vida escolar, da grafia uniformizada Timbira e de sua história.

A oficina durou cinco dias de trabalho intenso e de muitas discussões. O papel das lingüistas presentes foi o de demonstrar as diferenças e semelhanças encontradas nos sistemas fonológicos de cada língua, baseando-se em estudos com algumas dessas línguas (Alves, 1999, sobre o Apãniekrá-Canela; Sá, 1999, sobre o Pykobjê-Gavião) e em experiências próprias com as línguas dos falantes envolvidos nos encontros; mostrar o mecanismo de elaboração de uma grafia; provar que eles são os mais bem autorizados a propor um sistema para o Timbira padrão; e provocar e mediar as discussões. A partir daí, os professores indígenas tomaram a frente dos trabalhos, discutiram, brigaram, e acabaram por aprovar consoantes e vogais, indo depois à lousa para fazer os primeiros exercícios, testando os grafemas. Em seguida, elaboraram uma lista de palavras, dividida por temas – animais, plantas, termos de parentesco, partes do corpo e objetos da cultura material – e uma carta de apresentação da proposta da grafia, escritas com as letras aprovadas, para levar às comunidades¹.

Muito trabalho ainda deverá ser feito. A grafia deverá ser testada nas escolas e certamente problemas surgirão nos próximos encontros, sobretudo quanto a questões que envolvem flexão e composição de palavras, aspectos em que há divergências entre os subgrupos Timbira. Contudo, deve-se ressaltar que a grafia uniformizada é um instrumento que representa uma conquista para os povos indígenas em geral, já que raríssimas vezes em sua história de contatos eles têm participado da elaboração de um sistema de escrita para suas línguas, sendo muito mais comum a imposição de um

alfabeto, geralmente feito por missionários nem sempre preparados em questões lingüísticas. Para os representantes do povo Pykobjê, com os quais mantenho contato desde 1997, ficou a certeza de que tal grafia será muito mais fácil de ser ensinada às crianças em idade escolar do que a que eles vêm utilizando; nas palavras do professor Joel Gavião, os Timbira, embora tenham se espalhado há muitos anos atrás, atualmente precisam se manter unidos e a grafia uniformizada é uma ferramenta para eles afirmarem essa unidade. Para mim, ficou o orgulho de ter participado de um evento raro na pesquisa lingüística: o momento em que os próprios falantes se apropriam de sua língua, concretizando-a num modelo de escrita, deixando de ser objeto para se tornar sujeito de seu próprio destino cultural e lingüístico.

Oficina de grafia uniformizada timbira letras aprovadas em 12.12.2003

| CONSOANTES | VOGAIS |
|-----------------------|-----------------------|
| p t x c k ' | a e ë ã ã ã |
| m n g | y ÿ ÿ |
| w r j h | o ö õ ã |

Explicação das consoantes

1. c | k

c → [k], para final de sílaba: hapac 'orelha dele'

c, k → respectivamente [k] e [k^h] - para início de sílaba: ca '2p', kōc 'camaleão'

2. h | '

h → [h] – para início de sílaba: hapac 'orelha dele'

· → [h̃] – para final de sílaba: pa'nõ, nome próprio

3. g | h

Os Krinkati escreverão <h> onde os falantes das outras línguas Timbira escreverão <g^l cahã / caã 'cobra', hōr / gōr 'dormir'.

4. j | x

Os Pykobjê escreverão <x> no final de algumas palavras enquanto os falantes das outras línguas Timbira escreverão <j>: **caj** / **cax** 'cesto'.

5. p | t | x | m | n | w | r

[p, t, tʃ, m, n, w, r] - como em todas as línguas Timbira essas letras já estavam sendo escritas da mesma forma, elas foram mantidas.

Explicação das vogais

1. a | ã

[a], [ã] / [õ] (este para o Pykobjê): ca ‘2p’, pa ‘1p’, cahỹj ‘mulher’

2. y | ÿ

Alguns povos dizem [ɜ] ou [ə], enquanto outros dizem [ə] ou [i], mas todos escreverão < ÿ ¹ kwỳr ‘mandioca’.

Alguns povos dizem [i], enquanto outros dizem [ə], mas todos escreverão ⁿ y ¹ cökryt ‘anta’

3. e | ë

Alguns povos dizem [ɛ], enquanto outros dizem [e], mas todos escreverão ⁿ e ¹ tep ‘peixe’.

Alguns povos dizem [e], enquanto outros dizem [i], mas todos escreverão ⁿ ë ¹ caapër ‘bacaba’, parēj ‘cajá’.

4. o | ö

Alguns povos dizem [ɔ], enquanto outros dizem [o], mas todos escreverão ⁿ o ¹ rop ‘onça’.

Alguns povos dizem [o], enquanto outros dizem [u], mas todos escreverão ⁿ ö ¹ caprö ‘sangue’, cömxë ‘bacuri’.

5. ã | ã

Alguns povos dizem [ẽ], enquanto outros dizem [ẽ], mas todos escreverão ⁿ ẽ :: cõte ‘murici’.

Alguns povos dizem [ẽ], enquanto outros dizem [ĩ], mas todos escreverão ⁿ ã :: mĩ ‘jacaré’.

6. õ | õ

Alguns povos dizem [õ], enquanto outros dizem [õ], mas todos escreverão ⁿ õ :: wakõ ‘quati’.

Alguns povos dizem [õ], enquanto outros dizem [ã], mas todos escreverão ⁿ ã ::
hũmre ‘homem’.

Animais

| PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO | PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO |
|------------|----------------|-----------|----------------|
| Anta | cökryt | Macaco | cököj |
| Arara azul | pÿn | Morcego | xëp |
| Borboleta | wewe | Onça | rop |
| Borrachudo | prÿmtë | Paca | cra |
| Cabra | popejre | Papagaio | krÿjtë pej |
| Calango | wetre | Raposa | xore |
| Enguia | pÿp | Rato | amxo |
| Escorpião | pacre | Sapo | pröttë |
| Gafanhoto | xycxyc | Tartaruga | caprÿn |
| Jibóia | hÿkatë | Tatu | tön |
| Juruva | rõ'të | Urubu | xön |
| Lambu | a'torre | Vaga-lume | wajca rÿ'rÿ |
| Lobo guará | xöte | Veado | carÿ |

Botânica

| PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO | PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO |
|-----------|----------------|------------|----------------|
| Açaí | tëre | Mamão | prÿmxö |
| Algodão | caxÿtjĩ | Mandioca | kwÿr |
| Bacaba | caapër | Melancia | praxë |
| Buriti | crow | Milho | põhy |
| Cabaça | cö'kõn | Pau d'arco | töcre |
| Caju | a'krÿt | Pequi | prën |

| | | | |
|----------|-----------|---------|-------|
| Feijão | pýtjý'tój | Pimenta | pýrhy |
| Inhame | krerö | Tucum | ronre |
| Jenipapo | prötë | Urucum | py |

Cultura material

| PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO | PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO |
|-----------------|----------------|----------------|-------------------|
| Arco | cöhë | Lança | kröwaxwa |
| Cesta | hýmcejënxÿ | Linha de tucum | ronrexë |
| Cocar | hÿ'kÿ | Maracá | cö'tój / cö'tox |
| Colar | hökrexë | Pacará | paptö / caj / cax |
| Cuia | crat | Pau-roxo | cöhë kÿ'tyc |
| Dente de macaco | cököj xwa | Pau-de-leite | arÿmhöc |
| Fita de buriti | crowhö jör | Pena da asa | a'prÿ |
| Flecha | kröw | Tiririca | capare |

Partes do corpo

| PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO | PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO |
|-----------|----------------|-----------|----------------|
| Boca | harkwa | Orelha | hapac |
| Braço | hara , ë'pa | Osso | ë'hë |
| Cabeça | ë'krÿ | Pé | ë'par |
| Cabelo | ë'kĩ | Peito | ë'kÿ |
| Coração | ë'totoc | Pele | ë'kÿ |
| Cotovelo | ë'pakõn | Pêlo | ë'hö |
| Coxa | ë'kjë | Perna | ë'te |
| Dente | wa | Pescoço | ëmpöt |

| | | | |
|--------|----------|--------------------|-----------|
| Fígado | ëmpa | Sangue | caprö |
| Joelho | ë'kõnkrÿ | Sobrancelha, cílio | ëntohö |
| Lábio | ha'kÿ | Suor | a'nÿcö |
| Mão | hũ'kra | Testa | ë'köcatÿx |
| Nariz | ë'krÿt | Tutano | caĵin |
| Ombro | hëkre | Unha | hũ'kop |

Termos de parentesco

| PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO | PORTUGUÊS | TIMBIRA PADRÃO |
|---------------------------------|----------------|-------------|----------------|
| Filha de irmã de M ¹ | ë'kra | Madrasta | ënxëtow |
| Filho de irmã de H ¹ | ë'tÿmxwÿ | Marido | ëmpjën |
| Filho de irmão de H | ë'kra | Neto | ë'tÿmxwÿ |
| Filho de irmão de M | ë'tÿmxwÿ | Nora de H | ëpÿnjë |
| Filho, filha | ë'kra | Nora de M | ëxwyje |
| Genro de H | ë'pëjōjë | Padrasto | ënxütow |
| Irmão | ë'tō | Pai | ënxũ |
| Irmão de esposa | ëmpyjë | Parente | ë'kwÿ |
| Irmão mais velho | ë'tō'kÿ | Tia paterna | tyjre |

Referências bibliográficas

- ALVES, F.C. *Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Jê)*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.
- _____. *A discussão da grafia unificada para as línguas Timbira*. Comunicação apresentada no 50º Seminário do GEL, Universidade de São Paulo, 2002 (manuscrito).
- AZANHA, G. *Forma Timbira: estrutura e resistência*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1984.

LADEIRA, M.E. De bilhetes e diários: oralidade e escrita entre os Timbira. In: SILVA, A.L., FERREIRA, M.K.L. (orgs.) *Antropologia, história e educação*. São Paulo: Global, Fapesp, 2001.

MELATTI, J.C. *O messianismo krahô*. São Paulo: Herder/EDUSP, 1972.

NIMUENDAJU, C. *The Eastern Timbira*. Berkeley & Los Angeles: University of California Publ. In: *American Archeology and Ethnology*, vol. 41, 1946.

SÁ, R. M. *Análise fonológica preliminar do Pykobyê*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.

Abstract: *This paper aims to present a report about activities to produce a uniform system of writing with Timbira people. These activities have occurred for ten years and they finished in the meeting for production of writing in 2003 December, where teachers of six Timbira people – Apinajé, Apãniekrá-Canela, Pykobjê-Gavião, Ramkokamekrá-Canela, Krinkati e Krahô – discussed and approved the letters that will compound the Timbira pattern writing.*

Key-words: *Indigeneous education; descriptive linguistics; systems of writing.*